

FOCA
Revista em áudio disponível em: foca.espm.br

Produção dos alunos do curso de Jornalismo da ESPM Rio 2019.1
Revista em áudio disponível em: foca.espm.br

FO
CA





Produção
dos alunos
de Jornalismo
da ESPM-Rio
2019.1

EDITORA RESPONSÁVEL
Profa. Angelina Nunes

EDITORES

Prof. Pedro Curi
Prof. Leonardo Mancini
Prof. Vinicius Carvalho
Prof. Guilherme de Freitas
Prof. Silvia Borges
Prof. Simplício Neto
Prof. Fernando Borges de Castro

EDITORA DE FOTOGRAFIA
Ana Lúcia Araújo

COORDENAÇÃO DE DESIGN EDITORIAL
Prof. Fabiano Ramos

REVISÃO

Prof. Marco Beja

REPORTAGEM

Amanda Mira
Anna Luiza Tavalucci
Beatriz Werneck
Carolina Monteiro
Carolina Souto
Daniel Zveiter
Fernando Asvolinsque

Giovana Peralta
Giuliano Cosenza
João Horta Medina
Leonardo Barreto
Lucas Antonio da Silva
Mariana Carlan
Matheus Pardellas
Maíra Alfradique
Patrick Garrido
Raissa Feliciano
Raphaela Barreto
Victoria Ornellas

DIAGRAMAÇÃO

Bárbara Beatriz Camello
Beatriz Aguiar
Davi Barbosa
Diana Campos
Felipe Messias
Felipe Nobre
Guilherme Kischner
Gustavo Borges
Isabel Barcellos
João Pedro Scofano
Juliana Anjos
Lucas Braga
Lucas Pires
Maria Eduarda Volta
Mariana Reisman

Marina Pinheiro
Raul Moreira
Renan Adnet
Renata Nalim
Roberta Sampaio
Rodrigo Boyd
Vitor Vita
Yasmim Ribeiro
Yuri Murta

FOTO CAPA
Daniel Zveiter

FOTO EXPEDIENTE
Nathalia Bracaglia

MONITORIA
Barbara Negrini
Rogério Fontes

AGRADECIMENTOS

Inst. Benjamin Constant
Jefferson Moura
Prof. Rico Cavalcanti
Projeto RUAS
Leo Motta
Allini Fernandes
Karol Abrantes
Damiana Ferreira
Anne Marie Bouyer
Projeto Adote um Aluno
Silvério Morón
Natália Carnavale
Heloisa de Oliveira
Karla Porto - do EJA
Marta Avancini - do JEDUCA
Vanessa Novaes
Instituto ResponSA
Projeto Vivendo um Sonho Surf
Professor Rafael Ramos
Professor Carlos Belo da Silva
Maximiliano Prieto
Casa Nem
Lucas Ferreira
Welldona Mirífica
Nicolae Joe
Rafaela Rosas
Diana Conrado

*Turma de Jornalismo
que produziu o
conteúdo de Revista
FOCA edição
2019.1.*



Carta aos leitores

A solidariedade independe de idade, gênero, sexualidade e renda. Vai além de atitudes simples do dia a dia. É feita de iniciativa, fraternidade e comprometimento. Doar seu tempo para transformar a vida do próximo, sem esperar nada em troca, é o que move e aproxima os personagens das histórias apresentadas nesta edição.

A revista, feita pelos alunos do segundo e terceiro período de Jornalismo, traz o Rio de Janeiro com outros olhares: os de ensinar, acolher, ajudar e reinserir pessoas que são marginalizadas pela sociedade.

O desafio foi mostrar como projetos sociais transformam positivamente a realidade de uma cidade marcada pela desigualdade. Das águas movimentadas das praias de São Conrado e Ipanema às praças coloridas pela educação, passando por marquises, que são

moradia temporária para aqueles que não têm onde dormir, até lugares que servem de abrigo para pessoas da comunidade LGBTQI+.

A produção conta também com um ensaio fotográfico. Com os temas diversidade e acessibilidade, feito no Mercado de Madureira e no centro da cidade.

A entrevista com o fotodocumentarista J.R.Ripper, mostra um trabalho na luta pelos direitos humanos, dando visibilidade a quem não é ouvido.

Ser solidário é enxergar o próximo e colaborar para a sua transformação. Procuramos mostrar que a consequência de todos os projetos é dar oportunidades a quem precisa de esperança.

João Medina, Leonardo Barreto, Maíra Alfradique, Patrick Garrido e Raissa Feliciano

Foto: Patrick Garrido

Foto: Angelina Nunes

Foto: Fernando Asvolinsque

Foto: Damiana Ferreira/ Divulgação



SUMÁRIO

Victoria Ornellas



Projeto RUAS página 7

Raphaela Barreto



Anna Luiza Tavolucci



Educação página 14

Victoria Ornellas



Ensaio páginas 20 e 21

Leonardo Barreto



Surfe página 23

Giuliano Cosenza



Lucas Antonio



Resistência página 33

Lucas Antonio

Peril página 30

Direitos Humanos página 38

Quando agente sonha
Sozinho é apenas um
sonho. mas si sonharmos
Juntos é o começo de
uma nova Realidade

- x -

Si a caminhada foi
feita para andar, então
por que dormimos nela?

aguardo Resposta

PROJETO

BIAS

Sob a marquise

Comida e afeto no resgate da cidadania

Amanda Mira, Carolina Souto, Giuliano Cosenza, Maíra Alfradique e Victoria Ornellas

As calçadas são marcadas pelo ir e vir cotidiano. Assim como se enchem nas primeiras horas da manhã, vão se esvaziando ao anoitecer. O barulho dos sapatos no concreto diminui e os ruídos dos motores já não incomodam mais. À primeira vista, parece não ter mais ninguém, mas basta olhar para debaixo das marquises para encontrar os que permaneceram ali. Pessoas que não têm para onde voltar, pelo menos não “esta” noite, e que buscam abrigo próximo a prédios ou praças porque sabem que “a rua é um lugar de vida curta”, como afirma Allini Fernandes, de 30 anos. Ela, ao lado de dois amigos, fundou o Projeto RUAS em 2014. A ONG busca resgatar a cidadania e promover o bem-estar a quem está à margem da sociedade.

A instituição carrega a solidariedade no nome: Rondas Urbanas de Amigos

Solidários. A preocupação de oferecer mais do que assistência existe desde o início quando Marco Dabal, aos 23 anos, distribuiu sanduíches e refrescos para se aproximar das pessoas em situação de rua do Leblon. A iniciativa atraiu interessados e dois meses depois, nasceu como ONG pelas mãos dos amigos Allini Fernandes, Déborah Barrocas e Murillo Sabino. Rapidamente, espalhou-se pela Zona Sul e hoje está em Botafogo, Copacabana e Leblon.

Com hora marcada, as Rondas acontecem toda terça-feira à noite em pontos fixos. Para a psicoterapeuta e facilitadora de dinâmicas Anne Marie Bouyer, 53 anos, o compromisso é fundamental à medida que “marca uma permanência em relação à impermanência que eles vivem na rua”. Neste momento, voluntários e atendidos fazem seu primeiro contato, lancham e participam de uma atividade. “A fórmula é simples: comida mais afeto, para essas pessoas começarem a existir. Se elas não sentirem essa existência, como vão encontrar a identidade delas?”, explica.

Pouco a pouco, as rodas de voluntários vão se formando para as capacitações. Antes de irem às Rondas, estas reuniões acontecem em espaços parceiros: no Hospedaria Rio, em Botafogo, e na área de convivência do prédio de uma antiga voluntária na Avenida Atlântica, em Copacabana. O grupo do Leblon ainda não tem essa estrutura, mas a necessidade de improvisar não impede de encontros acontecerem, mesmo que na calçada. A

*Voluntária do RUAS exibindo carta feita por um atendido para os moradores de Botafogo
Foto: Amanda Mira*



*Pedro Saraiva, atendido da ONG, ao lado da voluntária Kayany Neves e Eric Peixoto, na ronda de Botafogo.
Foto: Victoria Ornellas*



*Leo Motta exibindo seu livro autobiográfico "Há vidas depois das marquises"
Foto: Victoria Ornellas*

partir das 21h, os coordenadores explicam a importância da horizontalidade entre voluntários e atendidos. A preocupação se estende ao vocabulário. Palavras depreciativas como "mendigo" e "morador de rua" são substituídas por termos que expressem algo passageiro, como "em situação de rua".

Crianças também são atendidas nas Rondas e, por isso, alguns cuidados precisam ser tomados. Durante o encontro, é recomendado que, na ausência do responsável, não se dê comida aos menores, evitando intoxicações ou alergias. O contato físico também preocupa. Não se deve pegar nos braços, nem deixar que elas se sentem no colo para evitar que naturalizem este comportamento. A justificativa é o fato de estarem vulneráveis ao assédio nas ruas. A coordenadora Da-

miana Ferreira, 31 anos, sugere que o voluntário convide a criança a sentar ao seu lado, como se sentam todas as pessoas envolvidas na dinâmica.

Antes mesmo de relógios marcarem 22h, a movimentação nos locais de encontro já é visível. Tem gente que espera a semana toda por este momento. Atendidos e pessoas em situação de rua não cadastradas se reúnem para esperar a chegada dos voluntários nas praças Antero de Quental, no Leblon, Serzedelo Corrêa, em Copacabana e Nelson Mandela, em Botafogo. Neste bairro, o atendido Leonardo Bartolomeu, de 34 anos, pede aos novos voluntários que escrevam seus nomes em uma pequena agenda que carrega consigo. Não sabe ler, mas promete fazer uma oração por eles e suas famílias.

A conversa corre solta entre velhos amigos e os que acabaram de se conhecer. Dentre eles, estão os voluntários Kayany Neves, 21 anos, e Eric Peixoto, 28 anos, e o atendido Pedro Saraiva, de 31 anos. Não demora para o lanche ser partilhado: pães, sopas, bolos, sucos e garrafas de água. É recomendado que todos dividam a comida. Os alimentos são oferecidos, em maioria, por estabelecimentos locais como o Clube Naval Piraquê e o T.T. Burger no Leblon, e a Padaria Atlântida e a Art Pão em Copacabana. O sentimento de responsabilidade com o seu entorno é reforçado pelo projeto, que vê os vizinhos não apenas como os que moram no mesmo prédio ou na casa ao lado, mas todos que compartilham a mesma rua e o mesmo bairro.

Quando é sinalizado o desejo de retirar algum documento, reencontrar a família ou buscar tratamento para dependências químicas, a iniciativa Recupera Reintegra entra em ação. Esse é o braço responsável pelo encaminhamento para casas de reabilitação e acompanhamento do atendido. O contato é feito semanalmente e as visitas, que acontecem uma vez por mês, “trazem esperança àqueles homens de que há uma sociedade aqui fora. Dá esperança pra continuar lutando”, segundo Leo Motta. Ele, que já esteve em situação de rua, hoje é escritor e empresário.

Foi no “pedacinho do céu”, como costuma chamar Betânia, instituição de reabilitação, que Leo recuperou sua identidade. Não só o documento, mas também quem ele era. “Minha vida é dividida em antes de Betânia, quando eu so-

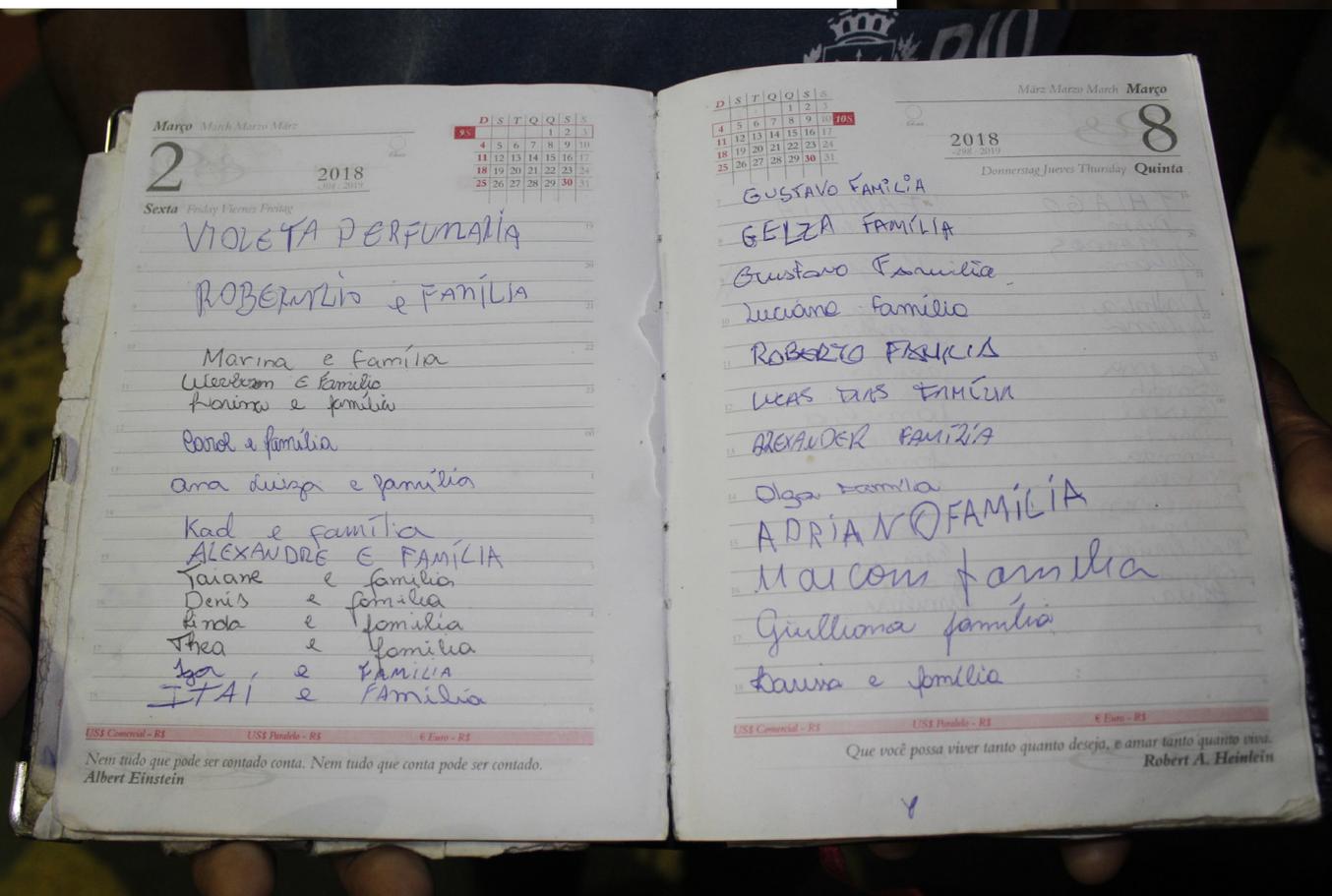
breviava, e depois, quando eu vivo”. É assim que o autor do livro “Há vida depois das marquises” e dono do restaurante Francesinha Carioca resume seus 38 anos.



Leo Motta em frente ao seu restaurante Francesinha Carioca, no centro do Rio de Janeiro.
Foto: Victoria Ornellas

Na rua, diz ter se sentido humilhado pela fome. Na reabilitação, poder se alimentar todo dia com hora marcada virou motivo de orgulho. Tímido, lembra que foram 896 refeições durante o tempo que passou na instituição. Não ter que revirar lixeira em busca de alimento, pedir a quem o olhava com desprezo e foram um marco em sua trajetória.

O cotidiano da rua não foi a única dificuldade enfrentada por ele. Aos 17 anos, Leo Motta já era pai, casado e usuário de drogas. Envolveu-se com o tráfico na comunidade de Santos Rodrigues, na Zona Norte, mas não ficou por muito tempo. Foram os entorpecentes os grandes vilões de sua caminhada. Com 15 anos começou na cocaína. Aos 30



Voluntária servindo a sopa antes da ronda em Botafogo.
Foto: Victoria Ornellas

Agenda do atendido Leonardo Bartolomeu. Nela, ele escreve o nome dos voluntários que vão a Ronda pela primeira vez.
Foto: Amanda Mira

passou para o crack, permanecendo por mais três anos. Nos canteiros da Avenida Brasil, a via mais importante da cidade, conheceu a cracolândia, ou inferno, como se permite chamar pela intimidade. Com a dependência, perdeu praticamente tudo: família, amigos e casa.

Hoje, Leo busca ser um exemplo. Ele participa das Rondas como voluntário e reforça a importância da reabilitação, auxiliando no encaminhamento de dependentes químicos para instituições. Criador do "Grupo de Visita", reúne voluntários para ir à Betânia conversar com quem busca um novo destino.

Os esforços nem sempre são suficientes para mudar a realidade dos atendidos. "O projeto tem a sua parcela de responsabilidade e atuação, mas que significa 10%, nos outros 90% entram a liberdade e a escolha de todo sujeito, mesmo em situação de rua" afirma Anne. Este foi o caso de Tiago. Quando sua filha nasceu, ele tinha 21 anos e era atendido pela ONG. Para ajudar sua família, o bebê e a companheira Girlaine, começou a vender doces com o apoio de voluntários. Entre altos e baixos, voltou a usar drogas. Em abril de 2018, enquanto pulava um muro, não resistiu à queda.

Sua morte não foi a única vivenciada no RUAS. Zé Carlos estava na rua desde os sete anos. Através do Recupera Reintegra, foi encaminhado para o Pinel, mas não demorou para sair. Quando decidiu voltar para lá, foi orientado a retornar da mesma maneira que deixou o instituto, por conta própria. Foi essa a recomendação feita pelas psicólogas à organização. Segundo contou a Allini, andou do Leblon até Botafogo, chegou a fazer bolhas

*Mãos dadas
ao final da
ronda
Foto:
Victoria
Ornellas*



*Juvenil
Rodrigues
durante dinâmica
na ronda de
Copacabana.
Foto:
Victoria
Ornellas*





*Legenda: Voluntários e atendidos durante a dinâmica na Ronda na Rua Nelson Mandela em Botafogo..
Foto: Victoria Ornellas*

nos pés, mas não foi recebido. Dias depois, chegou a notícia de seu falecimento. Ele tinha 33 anos.

“A morte na rua é muito mais forte. Você se pergunta, será que eu podia ter feito mais um pouco?”, diz a voluntária Karolina Abrantes, de 30 anos. Durante as Rondas, ela e o Gringo, como era conhecido Agris Mizans, criaram um vínculo. Karolina era a única que conseguia entender o seu inglês de sotaque carregado, então passou a traduzir as dinâmicas para ele. Vindo da Letônia para as Olimpíadas, o técnico florestal perdeu tudo depois de ter sofrido um golpe e nunca conseguiu voltar para o seu país. Morreu com uma parada cardiorrespiratória “aos 50 e poucos anos”, conta. Com o apoio da Defensoria, ela e o RUAS conseguiram enterrá-lo de forma digna: “Eu tinha que fazer algo por ele”.

Como as cicatrizes, as marcas deixadas pelo voluntariado contam histórias. As tristezas fazem parte desta construção e as vitórias não são sempre grandiosas, são como podem ser. Como a Girlaine, companheira do Tiago, que continua no abrigo criando a sua filha. O Valter, que está tra-

balhando. O Luciano, que melhorou a autoestima e hoje fala de cabeça erguida, olhando no olho. O Seu Carlos que, mesmo com a fíbria quebrada, faz artesanato no Largo do Machado. “Não são só personagens, são vidas, sonhadores, pessoas talentosas e que, através da conversa, do vínculo que a gente se dispõe a criar com cada um deles, vão se enxergando melhor e fazendo a gente se enxergar melhor também”, emociona-se Allini.

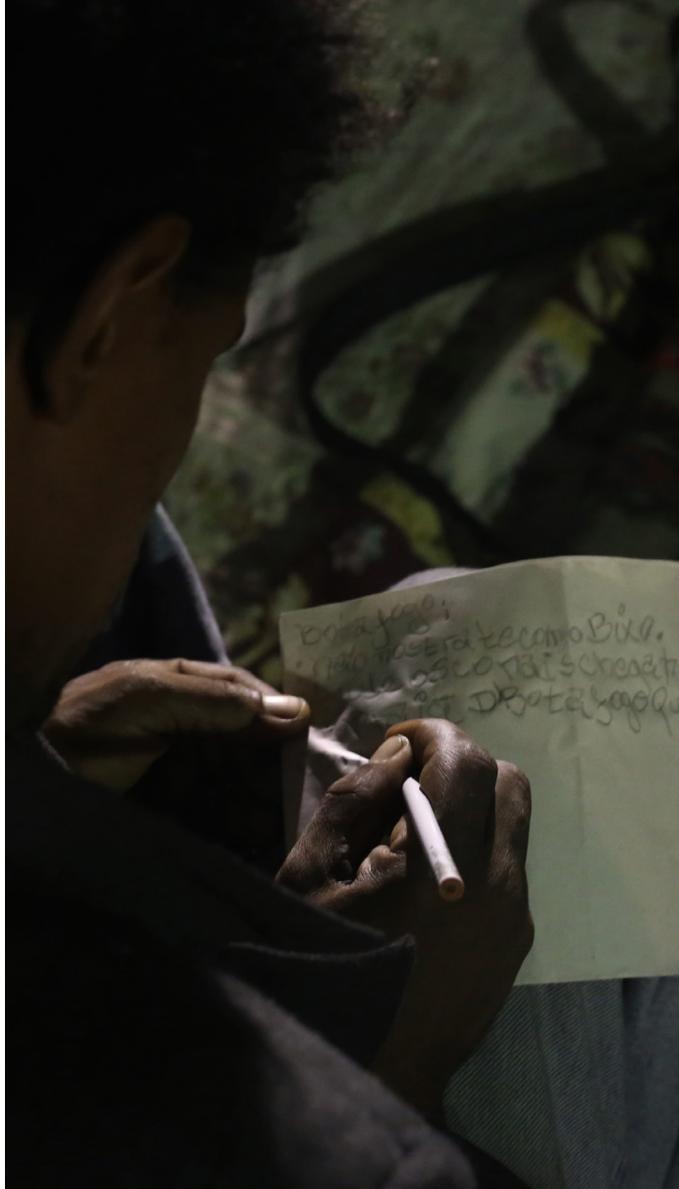
Quando os ponteiros se alinham completando à meia-noite, a Ronda chega ao fim. É hora de voluntários e atendidos se intercalarem, formando uma ciranda. Um a um vão traduzindo o encontro em palavra: “troca”, “amor”, “gratidão”, “esperança”. Antes das mãos se soltarem desfazendo a roda, mais um aperto prolongado. Elas só voltarão a se tocar na semana que vem. Para encerrar, uma salva de palmas silenciosa, com as mãos vibrando na altura das orelhas, parabenizando os envolvidos por mais uma terça-feira. Depois das despedidas, cada um vai achando o seu caminho, seja para casa ou para a marquise mais próxima.

*Leonardo Bartolomeu com a nova voluntária Yana Flinday, durante a ceia.
Foto: Victoria Ornellas*





Luciano lendo a carta que escreveu para os outros participantes da ronda, em Botafogo.
Foto: Victoria Ornellas



Legenda: Luciano, atendido da ONG, escrevendo carta aos vizinhos:
"Botafogo, não nos trate como bixo"
Foto: Victoria Ornellas

Roberta, nova atendida da ONG, durante a ronda escrevendo carta aos vizinhos de Botafogo.
Foto: Victoria Ornellas



Educação de praça em praça

O conhecimento como ferramenta de transformação

Anna Luiza Tavolucci, Matheus Pardellas, Patrick Garrido, Raissa Feliciano e Raphaela Barreto.

A cinco passos de uma lixeira e de frente para uma floricultura, o projeto Adote um Aluno floresceu. No meio do fluxo de carros e da intensa movimentação de pessoas, o Largo da Viúva, no Grajaú, transformou-se em um lugar de aprendizado. Os tamboretos feitos de cimento tomaram o lugar das clássicas carteiras escolares e a buzina se tornou a maior distração das aulas. A praça, que é passagem para os moradores, agora tem olhares curiosos dos possíveis alunos. Com o intuito de chamar a atenção dos pedestres que passam por ali, papéis impressos são colados na mesa e no poste com os dizeres “aulas de reforço escolar grátis”.

Percorrendo mais de 17 quilômetros, Natália Carnavale, de 32 anos, sai de seu trabalho na cidade de Niterói às 16h30m. Depois de passar uma hora dentro do ônibus, ela pega outro na Cidade

Nova, já no Rio de Janeiro, para estar presente às 18h na praça Largo da Viúva, no Grajaú. Formada em Relações Internacionais, a voluntária atende dúvidas de história, geografia, espanhol e inglês, que são as matérias que mais domina. Mesmo assim, ela também se dispõe a tirar dúvidas das que não possui tanto conhecimento, como português e matemática.

Independente do calor e do forte sol que escapa através das folhagens das árvores, dos poucos alunos no início do semestre letivo e da violência, ela não deixa de ir à praça e usar seu tempo para ensinar. “Às vezes é solitário, um pouco perigoso, o bom é que a gente conhece as pessoas que passam aqui em volta, o pessoal da floricultura, da loja e tudo mais. Mas realmente você tem que ter muita força de vontade e acreditar no projeto”, afirma Natália.

Uma das principais pessoas que acreditou na causa foi a Marina Geraldo, de 32 anos, responsável por expandir o projeto para a Zona Norte em novembro de 2018, depois de se espelhar na iniciativa de Silvério. “Eu escolhi essa praça porque é muito perto da minha casa. Eu tinha noção de que para começar um projeto desse, você tem que tá minimamente disponível”, ela explica. Marina ressalta que a falta de disponibilidade e comprometimento dos possíveis voluntários é um problema. “É importante os voluntários entenderem o que exatamente é o projeto, e a distância entre dizer que quer participar e realmente participar”

José Alberto da Costa, de 64 anos, é um dos voluntários que mostra seu engajamento. Ele



Natália Carnavalle ensina português a um aluno do projeto em praça no Grajaú. Foto: Anna Luiza Tavalucci

disponibiliza suas manhãs para ficar à espera de possíveis alunos no Grajaú. Neto de professor, José se surpreende com os jovens que atende. “A nação é feita de mentes que pensam e de bons sentimentos. Então é terrível, já tive aluno de 10, 18, 16 anos e com uma dificuldade de raciocinar o que é uma coisa impressionante”.

Indignado com o atual sistema de ensino do Rio de Janeiro, Silvério Morón foi o criador do projeto. “Tinha a obrigação, já dando aulas particulares há 15 anos de matemática e física, de fazer alguma coisa pela minha cidade”. Para comprovar isso, a organização Todos Pela Educação divulgou em 2018 uma pesquisa que indica que

quatro em cada dez jovens de 19 anos ainda não concluíram o Ensino Médio. Uma base de dados do QEdu, cedida pelo Jeduca, mostra que a cada cem alunos do Ensino Fundamental, entre 2006 e 2018, aproximadamente 23 estavam com atraso escolar de dois anos ou mais.

Hoje Silvério está colhendo o reconhecimento pela iniciativa: foi indicado em 2018 para o prêmio “Faz Diferença”, do jornal O Globo e em 2019 tornou-se um dos personagens do livro “Os guardiões da alma carioca”, do jornalista Aydano Motta. O livro foi inspirado em pessoas que trouxeram o verdadeiro valor da cidade e a sua iniciativa virou exemplo de solidariedade na educação.



Folheto informativo sobre o projeto Adote um Aluno no Largo da Viúva, no Grajaú. / Créditos: Patrick Garrido

Adquirir conhecimento é um dos pilares do projeto que transforma a vida das pessoas e as insere de alguma forma na sociedade. Atualmente, as matérias propostas pertencem à grade escolar, da alfabetização ao Ensino Médio. “Os alunos que estão aqui é porque eles querem estar aqui, ninguém é obrigado. Isso facilita muito a relação do voluntário com o aluno” diz Silvério. A ideia é ensinar um pouco de tudo na praça, desde matérias escolares às aulas de música, desenho e dança.

O Adote um Aluno não se limita a nenhuma faixa etária ou nacionalidade, todos são bem-vindos. A aluna mais nova é Carolina, de 7 anos, e

a mais velha, é Nilda, de 93 anos. Outro exemplo, é Emma Falghara, de 19 anos. Italiana, ela chegou ao Brasil com o intuito de aprender o português e conheceu o projeto através de uma das pessoas com quem estava hospedada, em um Airbnb no bairro de Laranjeiras, Zona Sul. “Querida tivesse isso, serve como exemplo para todo o mundo. Eu acho que todo tipo de gente deveria ter a oportunidade de aprender”, afirma.

A alfabetização tardia pode ser mais difícil, porém cada avanço feito durante esse desenvolvimento é uma conquista daqueles que por falta de oportunidade ou déficit escolar não puderam aprender quando crianças. “Quanto mais idade

você tem, mas dificuldade tem para aprender. É algo mais lento. Então, é preciso um trabalho muito mais intenso, mais paciência e, principalmente, de muito incentivo”, diz a pedagoga e coordenadora do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), Karla Porto.

Ler e escrever hoje em dia significa ser reinserido dentro da sociedade. “Já teve aluna minha aqui que disse que não podia ir em um banheiro na rua ou em um shopping porque ela não sabia ler”, disse Heloisa de Oliveira, de 61 anos, voluntária e professora de alfabetização.

Heloisa diz que sua maior recompensa é a conquista dos estudantes: “Ver que aquela pessoa saiu do zero e conseguiu escrever o nome dela. Pra mim, isso já é aquele abraço forte, aquele beijo, tem pessoas que até choram porque conseguiram escrever o nome delas”. Ela lembra dos privilégios que teve, por ter pais que puderam pagar boas escolas e ter tido uma educação de qualidade: “Então o fato de eu estar aqui doando o meu conhecimento para alguém não tem preço”.

Desde o primeiro período do programa, é possível perceber que ali a educação é utilizada como ferramenta de mudança. Além de estudantes, o local forma cidadãos, através da conscientização social. As aulas são sustentadas pela própria vontade do aluno de continuar aprendendo e superando-se. A luta para se inserir de alguma forma na sociedade é mostrada quando as aulas são feitas em uma praça, no qual nem o barulho, nem a falta de ventiladores ou a ausência de algum tipo de material afeta a busca assídua pelo conhecimento.



Aula do projeto adote um aluno, na Praça compositor Mauro Viana.
Foto: Matheus Pardellas

A iniciativa está dando passos largos para ampliar o alcance do projeto. A praça Edmundo Bitencourt, no bairro Peixoto, será mais uma expansão do Adote um Aluno, segundo Silvério.

Apoiados em uma mesa dura e com um tabuleiro de xadrez, os envolvidos no projeto terão que vencer todas as adversidades: calor intenso, violência e chuvas. Mas tendo a certeza de que a cada aula um novo desafio será cumprido, seja aprender matemática ou escrever seu nome com facilidade. Ao ceder um tempo de seu dia, os voluntários mudam a vida dos alunos que ali sentam para estudar, fazendo do xeque-mate o conhecimento.

“Ver que aquela pessoa saiu do zero e conseguiu escrever o nome dela. Pra mim, isso já é aquele abraço forte, aquele beijo...”

Heloisa de Oliveira, 61 anos



Professores e alunos durante uma aula em Botafogo. Foto: Matheus Pardellas

Alunos do projeto
reunidos na pra-
ça Compositor
Mauro Duarte
em Botafogo.
Foto: Anna Luiza
Tavolucci





Noivinhos de biscoito em
loja no Mercado de
Madureira.
Foto: Amanda Mira

Poste dificultando a passagem
de pedestres na rua do Rosário
no centro do Rio de Janeiro.
Foto: Matheus Pardellas

Ensaio Fotográfico





*Acima: Diversidade religiosa no Mercado de Madureira.
Foto: Patrick Garrido*



*À esquerda: O desafio de se locomover pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro.
Foto: Leonardo Barreto*



*Ao lado: Homem no centro do Rio de Janeiro vendendo CD's e DVD's usados.
Foto: Giuliano Cosenza*





Surfando entre becos e vielas

Projetos em comunidades
mudam a vida de jovens

Reportagem de: Daniel Zveiter, Giovana Peralta, João Medina, Leonardo Barreto e Mariana Carlan.

Oito quilômetros separam o posto 10 de Ipanema da praia de São Conrado, na Zona Sul. As duas contam histórias de projetos sociais que têm muito em comum. Fundados em 2017, eles usam o surfe como meio de garantia de um futuro para crianças de comunidades que enfrentam a dura realidade desigual da cidade, e que seus criadores conhecem bem de perto. Rafael Ramos, de 37 anos, e Carlos Belo da Silva, de 25 anos, surfaram em mares diferentes dos amigos e familiares que se envolveram com o tráfico.

Nas manhãs de sábado, a rotina de Rafael é sempre a mesma. À caminho das aulas do seu projeto, o Bodyboard Responsa, ele carrega cinco pranchas dentro do ônibus 110 na rota Rodoviária x Leblon e chega à praia de Ipanema às 7h40m. Seus alunos aparecem vinte minutos depois. “Tra-

*Rafael Ramos correndo em direção ao mar com seus alunos.
Foto: Leonardo Barreto.*

balho voluntário é isso aí”, diz em meio a um sorriso largo.

Antes de entrar na água, ele faz uma roda para contar sua própria história e ouvir um pouco sobre cada um deles. Depois, pede para que repitam as seguintes frases: “Eu te amo, eu te perdôo, eu sou a luz, eu sou sabedoria, eu sou poder, eu sou bodyboarder”. Com a turma ansiosa, a aula inicia nas ondas do posto 10 de Ipanema.

Ele começou levando os meninos do Querosene, onde mora, para surfar. Um dia deparou-se com garotos de outras comunidades, não pensou duas vezes em falar sobre o esporte e se

“Eu te amo, eu te perdôo, eu sou a luz, eu sou sabedoria, eu sou poder, eu sou bodyboarder”

Rafael Ramos, 37 anos





Inscrições grafitadas no pilar que sustenta a sede do projeto Bodyboard Responsa, no morro do Querosene.
Foto de Daniel Zveiter.

Na página anterior: Aluno do Projeto Bodyboard Responsa correndo em direção ao mar.
Foto de Leonardo Barreto.

ofereceu para ensinar. “No primeiro sábado apareceram 5, no outro 10 e no seguinte 15, até chegar a 30”, lembra. Hoje, o projeto possui 12 alunos, moradores do Vidigal, do Querosene, da Cruzada e da Chácara do Céu. Essas comunidades, atreladas aos problemas da cidade e suas dificuldades particulares, buscam forças em projetos sociais idealizados por moradores para obter mais qualidade de vida.

Foi dessa forma que nove anos antes da criação da escolinha, a comunidade do Querosene começou a ser transformada pela iniciativa de “vários loucos”, como o próprio Rafael diz. Depois de ficar dez anos preso, Fábio da Silva de Oliveira, de 45 anos, voltou para a comunidade com o objetivo de acabar com o lixo de um jeito diferente. Foram retiradas 14 toneladas para dar espaço a novos frutos para a comunidade. “Começamos a plantar couve, alface, cheiro verde, quiabo, jiló, berinjela, tudo. Eu quero acabar com o lixo e plantar”, conta Fábio. Esses alimentos são para consumo próprio dos moradores e também ajudam uma creche com cem crianças.

E foi assim que as sementes plantadas por Fábio germinaram em Rafael, que começou seu projeto primeiro dentro do Querosene. Trabalhando juntos revitalizaram a comunidade, construindo praças, pintando e plantando. Nas áreas que os dois beneficiaram, deixaram sua marca “Coletivo Responsa” grafitada em muros e árvores.

O ex-presidente da associação de moradores, Alexandre Magno dos Santos, de 56 anos, é um entusiasta. “Antigamente aqui era uma má referência, agora inverteu. Está até vindo gente de

fora morar aqui, devido à melhor qualidade de vida". A motivação de Rafael para criar uma escolinha vem desde cedo. "Minha história com o mar é de muito aprendizado. Quando comecei, eu era um menino de classe inferior, era o único que não tinha equipamento. Um dia, achei um pé de pato, e com ele comecei a pegar onda de peito. Depois, com meu primeiro trabalho, comprei minha primeira prancha". Ele conta que sua família sempre argumentou que o surfe não o levaria a nada, por isso abandonou o sonho e começou a trabalhar.

Sua mãe, Maria de Lourdes, foi líder comunitária do Querosene. A inspiração para o projeto

também vem muito da imagem dela, que não resistiu a uma leptospirose. Por conta disso, o irmão caçula acabou entrando para o tráfico. "Eu tive tudo para ser um mau elemento, o que me salvou foi essa força de vontade, o contato com o mar e a paixão pelo esporte".

O projeto é uma válvula para que as crianças continuem seus caminhos e não desistam dos seus sonhos. "A gente consegue perceber quando alguém está puxando para o lado errado. Eu chamo no canto para dar uma atenção diferenciada, incentivo o jovem a vir para a praia. O contato com o mar desbloqueia tudo isso, a gente esquece da vida, de todos os problemas", conta.





Ao lado:
Rafael Ramos,
fundador do
projeto
Bodyboard
Resposta no
morro do
Querozene,
aonde localiza-se
a sede.
Foto de Leonardo
Barreto.

Na página
anterior:
Aluno do projeto
Bodyboard
Resposta
aquecendo
antes de entrar
no mar.
Foto: Leonardo
Barreto.

Muitos pais de alunos já comentaram que após o projeto, o convívio em casa melhorou. Os que antes ficavam nos becos das ruas até tarde, agora dormem cedo para ir de manhã às aulas na praia. Um deles é o aluno Jimmysson Cauã Santos Costa, de 15 anos, morador da Chácara do Céu. “Eu ia ficar em casa o dia todo, ou dormindo, ou jogando videogame, aí é melhor vir para a praia surfar”, diz o jovem. Hoje, Jimmysson tem um sonho: surfar no Havaí.

Apolinário Bezerra, de 16 anos, também morador da Chácara do Céu, conheceu o projeto através do amigo Jimmysson. Começou a surfar quando entrou para o projeto, no início de 2019, e desde então todo final de semana está presente. Apesar de já apresentar evolução no esporte, o sonho de Apolo, como é conhecido, é longe dos mares, salvando vidas como bombeiro.

Essa preocupação com a segurança do outro também vem do professor e é ensinada nas próprias aulas. Rafael tem o cuidado de ensinar aos seus alunos sobre como recuperar alguém que está se afogando. Um por um, os jovens se revezam fazendo o processo de resgate, checando os batimentos cardíacos, a respiração e, por fim, chamando o salva-vidas.

Perto dali, ainda na Zona Sul, outro projeto social também usa o surfe como ferramenta de mudança da realidade de crianças e jovens: o Vivendo Um Sonho Surf. Seu fundador, Carlos Belo da Silva, tem um jeito calmo, mas nem sempre foi assim. Por trás disso, esconde uma história de superação, assim como Rafael, e é um exemplo de que a solidariedade é como as ondas que são

únicas, já que as pessoas sabem o seu começo, mas não tem ideia de onde terminam.

Nas águas agitadas da praia de São Conrado, na Zona Sul do Rio, seus alunos se movimentam inseguros em cima de pranchas de surfe. Foi nessa praia que ele teve seu primeiro contato com o esporte, e hoje comanda seu próprio projeto social, aos domingos das 8 às 10h.

Nasceu na Rocinha, a maior favela do Rio de Janeiro que ocupa o 120º lugar no índice de desenvolvimento humano (IDH) entre as 126 regiões do município, segundo o Instituto Pereira Passos (IPP). Carlos construiu o Vivendo um Sonho Surf em 2017, com sua amiga italiana e ex-moradora da comunidade, Lisa Bignone, de 24 anos, que um ano depois foi estudar em Portugal. “Sempre que eu posso faço a minha parte, mesmo de longe. Tento administrar a página do Facebook e Instagram, para fazer o projeto ser conhecido”, conta.

De lá pra cá, o projeto já ajudou 40 crianças e adolescentes, e hoje conta com 15 alunos fixos. “O primeiro ano foi difícil. A gente não tinha nenhum equipamento. Só depois conseguimos uma prancha e começamos. Daí em diante, não paramos mais”, relembra Carlos. Através de uma parceria com a marca californiana Vans e a multimarcas gaúcha Void, o projeto conseguiu equipamentos suficientes para dar continuidade às aulas. A ação funcionou como um sistema no qual se trocava uma camisa por uma prancha doada. No final, foram arrecadadas 70 pranchas, sendo 30 destinadas para o projeto e as outras 40 distribuídas para os surfistas da comunidade.



Aluno do projeto Vivendo um Sonho Surfe (VUSS) brincando no mar. Foto: Daniel Zveiter.

Entre os alunos, Mayara Silva Cruz, de 12 anos, é a única que não é da Rocinha. Moradora da Cidade de Deus, na Zona Oeste, ela e sua mãe Rosa percorrem, todos os sábados, os 20km que as separam da praia de São Conrado. "A distância nunca foi um problema, só quando eu estou sem dinheiro e não consigo levá-la nas aulas", conta Rosa. O interesse pelo esporte veio por influência do padrasto, Ricardo Ramos, o "Choco".

Foi com a mesma idade de Mayara que Carlos conheceu o surfe por meio de dois outros projetos: o "Rocinha Surf Escola" e o "É o Surf", no Recreio. "O surfe me salvou e me deu oportunidade de vida. Se não fosse o surfe, eu seria mais um da estatística", conta. Segundo uma pesquisa feita pelo Observatório das Favelas da Maré de 2018, o número de traficantes que entram para o crime or-

ganizado com até 12 anos de idade dobrou nos últimos dez anos, saltando de 6,5% para 13%. De acordo com Daniel Cerqueira, doutor em economia pela PUC-RJ, as falhas em implementar o estatuto do desarmamento e a proliferação do narcotráfico nos anos 2000 colaboraram para esses números.

Os dois projetos estão ganhando colaboradores e conseguindo promover cada vez mais atividades entre jovens de comunidades. A forma encontrada por Rafael e Carlos de garantir que essas crianças sejam o presente e o futuro foi a vontade de fazer algo pelo próximo somada ao esporte. Os mares desestressam as cansativas rotinas, e dão esperança de uma vida mais mansa, ao contrário das ondas. E o desejo de seus fundadores é de que essa calma dure. Principalmente fora das praias.



Wagner da Silva sentado em cima da bola na quadra do projeto. Foto: Giuliano Cosenza

Cesta da vitória

Quando os ídolos
se fazem nas quadras

Giuliano Cosenza

Dentro de um bunker, como costuma chamar o escritório de 12 metros quadrados localizado em sua casa, Wagner da Silva, de 38 anos, coordena as atividades do Basquete Cruzada, no Leblon. Nem mesmo esse local apertado o impediu de trazer os astros do Orlando Magic para um encontro com os jovens do projeto. Em outubro de 2015, Victor Oladipo e Nikola Vucevic entraram em quadra na Cruzada São Sebastião, mas dessa vez para transmitir sua experiência aos participantes da ONG. Contaram sobre a importância de valorizar os estudos e os treinos, sob olhares incrédulos

de centenas de crianças e adolescentes. Depois treinaram com eles, mostrando seu talento.

O encontro com os ídolos não foi o principal legado deixado pelos atletas. A quadra da comunidade, que fica na Escola Municipal Santos Anjos, foi reformada. A NBA consertou o piso rachado, pintou a quadra e instalou, no lugar da velha tabela de madeira, uma de acrílico, melhor material para a prática do esporte. Essa mudança foi uma motivação para os jovens e um grande benefício para o local. Para Wagner, foi também a realização de um sonho: “Quando comecei o projeto, jamais imaginei que a NBA viria aqui”, disse.

O projeto tem alunos que saem até de Piedade para ir ao Leblon treinar. O ex-jogador de basquete acredita na capacidade do esporte de ser referência nas comunidades. O objetivo é usá-lo como forma de inclusão social e para afastar as crianças das ruas, onde elas estarão mais próximas do crime. As atividades esportivas ocorrem às terças e quintas, de 18h a 21h.

Em dia de treino, Wagner é o primeiro a chegar e o último a sair. Está sempre ao lado de seu companheiro de aula, Ítalo Lima de Azevedo, de 27 anos: “Foi o Wagner que me ensinou a jogar e hoje eu dou aula junto com ele.” As atividades começam com os mais jovens, de 8 a 12 anos. Wagner atua como um líder, sempre observado atentamente pelas crianças, que demonstram no olhar a admiração pelo professor. As broncas também fazem parte do processo de aprendizagem, mas sempre buscando construir, nunca destruir o aluno.

Enquanto os mais novos se despedem, os adolescentes entre 13 e 17 anos chegam para

treinar. As atividades são mais intensas e exigentes. No fim, Wagner tem tempo de conversar com interessados em fazer parcerias com a ONG e atender pais e mães que acompanham seus filhos. A relação do projeto com as famílias é importante para Wagner. Cláudia Puntel, de 38 anos, e Renata Silva, de 37, são as duas psicólogas do projeto. A primeira é especializada em terapia familiar e a segunda, na psicologia do esporte. Ambas o consideram a grande referência do projeto. As pessoas criam vínculo não só com a ONG, mas com Wagner também, afirma Renata, que o define como “a estrutura central do projeto”.

Marcileide Araújo, de 56 anos, é uma engrenagem importante do Basquete Cruzada. Chamada de “Mãecileide”, entrou no projeto levando seu filho para treinar e se tornou referência entre os familiares dos alunos. Quando Wagner descobriu que ela era pedagoga, logo a chamou. “Nas férias de 2010 ele me chamou para dar aula e desde então nunca mais saí”. Como ex-atleta de nado sincronizado, Marcileide se impressiona com a perseverança dele: “Como um cara sozinho consegue cuidar de tudo isso? Fiquei pasma. A palavra para defini-lo é esperança”, concluiu.

Wagner da Silva quer expandir a ONG para além do esporte. Planeja montar uma biblioteca dentro da comunidade, para ampliar a influência do projeto na Cruzada. O objetivo é expandir para outras favelas do Rio de Janeiro, como Rocinha e Vidigal. Levando o basquete para dentro dessas comunidades e repetindo o trabalho com crianças. O idealizador do projeto quer mostrar que ser exemplo é fazer a diferença.

APT 203 A 2B
← ELEVATOR →



Quebrando armários

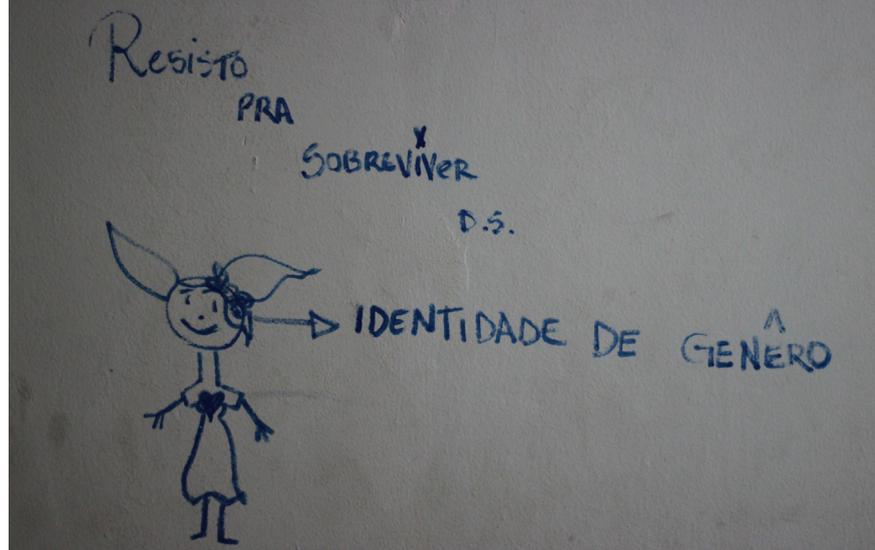
À espera por respeito e igualdade

Beatriz Werneck, Carolina Monteiro,
Fernando Asvolinsque e Lucas Antonio

“A sociedade nunca nos viu. Nossos direitos são totalmente jogados pra debaixo do tapete. E sim, é muita luta mesmo. É negócio de ir pra rua. É lutar.” desabafa a travesti Rafaela Rosas, de 25 anos. Mesmo que esses casos não sejam constantemente denunciados, o Brasil lidera o ranking mundial em assassinatos de travestis e transexuais com 868 casos registrados entre 2008 e 2016, no entanto, elxs resistem.

Um estudo publicado pela ONG Transgender Europe (TGEu), em novembro de 2016, contabilizou as mortes em 66 países, e o Brasil se encontra em primeiro lugar, seguido do México, com 259 mortes, e dos Estados Unidos, com 146. Mesmo com dados incompletos, os números são preocupantes. De acordo com o Relatório do Grupo Gay da Bahia, principal referência nacional em registros de mortes do tipo, a cada 19 horas

*Well donna Mirífica subindo as escadas da ocupação.
Foto: Lucas Antonio*

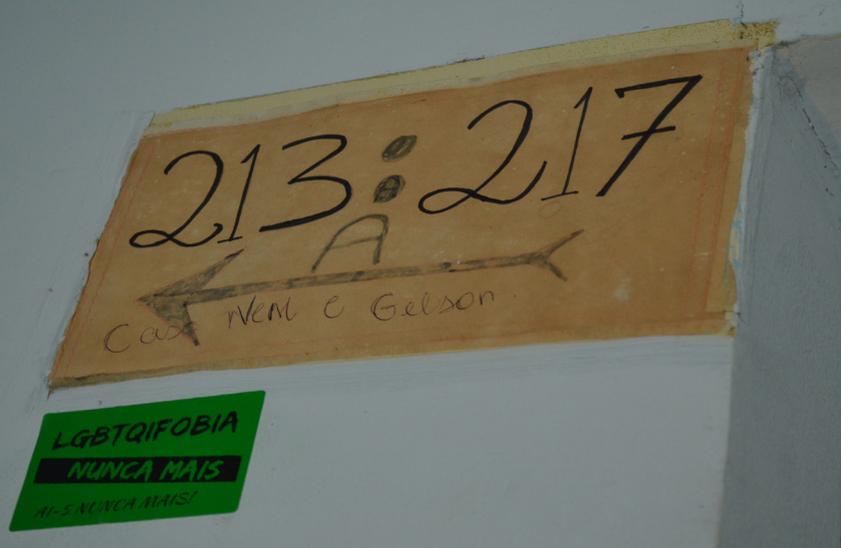


Resistência na parede (por Lucas Antonio)

e 40 minutos uma pessoa **LGBTTQI+** foi morta ou cometeu suicídio em 2017.

“Eu sofri agressão aqui no Rio. Seis homens me espancaram brutalmente motivado pelo preconceito”, desabafa Nicolae Joe, homem trans de 26 anos que tem em comum com Rafaela histórias de transfobia. “Eu recentemente tomei uma chimba, chimba é porrada, porque não aceitavam eu estar no espaço que eu estava na praça. Eles não queriam que eu estivesse nesse espaço”, conta Rafaela.

LGBTTQI+ é o conjunto de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers e pessoas Intersexuais. O sinal de mais que aparece após as siglas representa qualquer outra identidade sexual e de gênero que não é coberto pelas iniciais. Inicialmente, o movimento era conhecido apenas por GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), porém, buscando cada vez mais segmentar a representatividade, iniciou-se o questionamento das diferentes ramificações e identidades dentro da sociedade atual, fazendo com que o movimento expandisse e contemplasse mais pessoas.



Quartos ocupados pela Casa Nem.
Foto: Beatriz Werneck



As mensagens gravadas pedem por igualdade e respeito.
Foto: Lucas Antonio.

Instituições solidárias como a Casa Nem, a Casa1 e o Coletivo TransParente ajudam na resistência da comunidade trans. A luta diária na intenção do reconhecimento dos seus direitos continua, mesmo sendo marginalizada e excluída do mercado de trabalho, hostilizada e desprezada pela sociedade, sem uma legislação que proteja a comunidade e com dificuldade de acesso aos serviços de saúde. “Eu passei a ver que eu tenho um ponto de apoio que eu precisava, que eu sempre busquei e nunca encontrei”, afirma Nicolae, morador da Casa Nem há dois meses e meio.

A Casa Nem é um projeto que abriga pessoas da comunidade LGBTQI+ que em sua maioria foram expulsas de casa pela sua condição sexual ou de gênero. A instituição, que trabalha principalmente na reinserção da comunidade trans na sociedade, surgiu em fevereiro de 2016 por parte da militante em defesa da visibilidade e cidadania da comunidade Indianara Siqueira, de 48 anos. Inicialmente era um curso preparatório para vestibular conhecido como PreparaNem, tendo como foco pessoas trans e travestis. Logo após

presenciar uma situação de transfobia, o curso se transformou em uma casa de acolhimento. “A Indianara já entendia que a população trans precisava de um abrigo específico, pois havia duas alunas do PreparaNem que estavam em situação de rua”, relata Diana Conrado, uma das gestoras da Casa Nem. No entanto, devido a dívidas de aluguel e IPTU que atingiram R\$150 mil, as residentes foram obrigadas a sair do antigo endereço na Lapa, depois de dois anos de funcionamento.

“Ser LGBT não é para principiantes” afirma Indianara. De acordo com a fundadora da Casa Nem, essa expropriação do ambiente seria como uma segunda expulsão para alguns moradores, visto que muitos deles já sofreram a expulsão de casa após se assumirem.

Como se não bastasse a expulsão da Lapa, uma segunda vez para alguns, houve uma terceira: Após a desapropriação daquele imóvel, os moradores da Casa Nem se mudaram para uma ocupação mista em que viviam homens e mulheres, em Botafogo. Lá eles permaneceram por aproximadamente dois meses, e devido a proble-

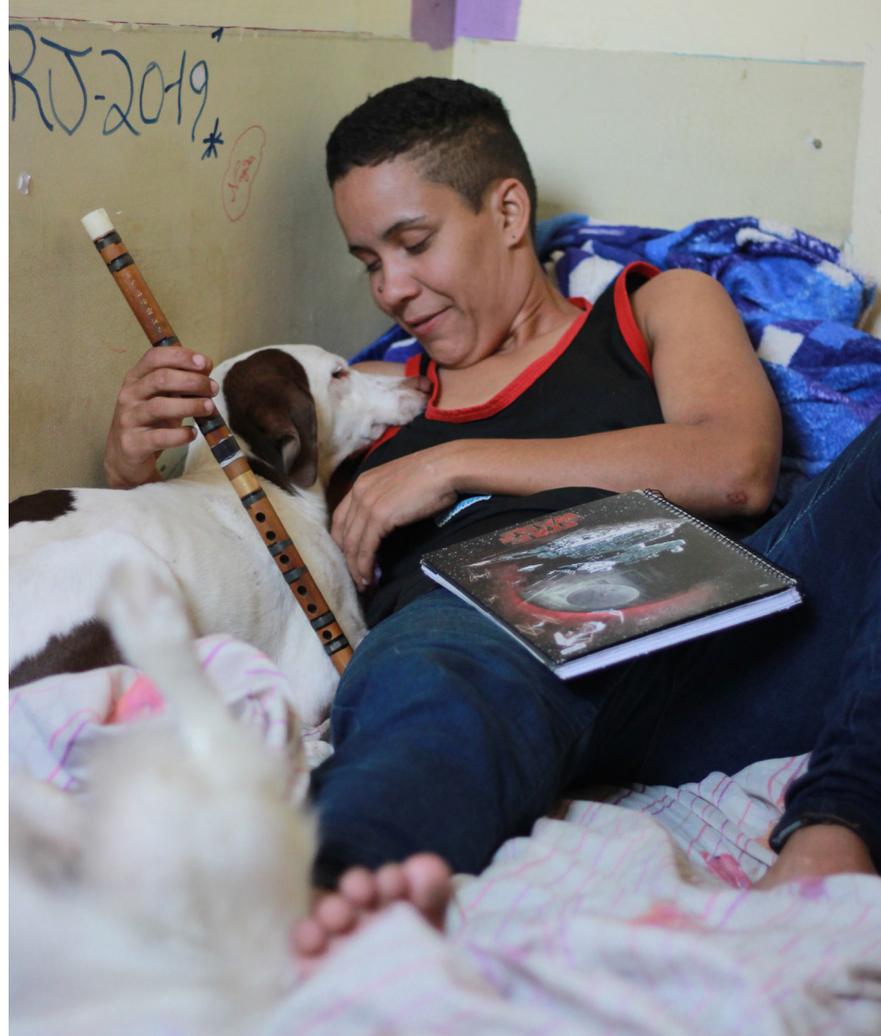
mas de violência, principalmente de homens que habitavam o mesmo local, foram obrigadxs a se retirar indo para a ocupação atual em um hotel abandonado em Vila Isabel de quatro andares.

Quarenta e sete degraus separam a rua, lugar de opressão social, da Casa Nem, onde xs 16 integrantes encontram seu refúgio seguro. Nas paredes, as mensagens gravadas pelxs moradorxs pedem por igualdade e respeito. O último andar da ocupação, com quatro quartos e um espaço de convívio que é um corredor bem estreito, é o ambiente que podem chamar de lar. “Casa Nem pra mim é a definição de liberdade”, define Welldonna Mirífica, de 30 anos. Antes de entrar na Casa Nem, ela viveu na rua durante três meses, onde sofreu ameaças junto com outras amigas travestis.

A Casa Nem até passou por dificuldades de sobrevivência devido à falta de doações. O atual local onde se encontra a Casa já enfrentou uma ação judicial para desocupação e reintegração de posse. O amor e acolhimento encontrados no ambiente da Casa Nem transbordam. Thor, Xuxa e Black são os três cachorros adotados pelxs moradorxs que fazem parte da família e circulam livremente.

De acordo com Cris Stefanny, ex-presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), 90% da comunidade trans se vê obrigada a entrar na prostituição para se sustentar devido ao preconceito existente no mercado de trabalho.

Nicolae Joe afirma que a Casa Nem não consegue impactar a comunidade trans ao ponto



*A conexão entre Nicolae e seu cachorro de estimação.
Foto: Lucas Antônio*

de evitar que as pessoas se suicidem ou entrem no mundo do narcotráfico e da prostituição.

Na intenção de diminuir esses índices e de tirar a prostituição como a principal alternativa da comunidade, o projeto funciona como uma casa de passagem. Xs moradorxs são acolhidxs no espaço, onde podem ficar até reestruturarem suas vidas, e depois o deixam cedendo lugar para x próximx. “Essa é a segunda vez que eu retorno pra Casa Nem, porque a Casa Nem é isso, é uma casa de acolhimento, de retorno. Nós somos preparados pra tudo que vier”, declara Welldonna.



Well donna
Mirífica:
"Nós, pessoas
trans, somos
verdadeiras
jóias raras".
Foto: Lucas
Antonio

Abaixo:
Objetos pessoais
de Well donna
Mirífica.
Fotos: Lucas
Antonio



No lugar que foi desocupado na Lapa, era trabalhada a autoafirmação do público na sociedade por meio de atividades que ensinavam a importância do posicionamento e visibilidade da comunidade como meio para lutar por seus direitos. “A Casa Nem me deu um empoderamento que eu não tinha, de ser mais eu, de me impor nos espaços onde os classistas (elite) não nos querem mas a gente tá lá. E a gente vai continuar estando lá”, disse Rafaela.

A administração da Casa é feita somente por ativistas transvestigêneres, palavra usada na Casa que inclui os termos travesti, transexual e transgênero. Junto com Indianara, que é a coordenadora do projeto, Diana Conrado e Ivone Correia administram a Casa e ajudam na reinserção social da comunidade trans. “Eu realmente tenho Indianara Siqueira como a minha mãe trans. Foi lá que eu nasci. Foi lá que eu renasci. Eu transrenasci”, agradece Welldonna.

O que aconteceu com a Casa Nem até poderia ser uma exceção, mas o mesmo também acontece em outras instituições que têm o mesmo propósito. A Casa1, uma organização localizada na região central de São Paulo, também correu o risco de fechar por falta de recursos. Durante os dois anos de funcionamento, mais de 200 pessoas foram acolhidas.

A instituição se manteve apenas com doações pessoais, financiamento coletivo pela Internet e patrocínio de empresas. Com a diminuição do recurso, a comunidade se uniu e foi feita uma campanha nas redes sociais com a finalidade de salvar a Casa.

Ainda que a comunidade LBTTQI+ enfrente batalhas diárias, a resistência passa por cima de tabus e preconceitos. O Coletivo TransParente é um grupo de teatro e militância LBTTQI+, e de combate à opressão por meio da arte, criado por Marcos Campello, de 48 anos, em novembro de 2016. O coletivo é como uma família para os seus integrantes, por isso o nome.

Eles acreditam que a arte e a cultura são as principais ferramentas de transformação social em uma sociedade preconceituosa e hostil. O projeto oferece oficinas de teatro para jovens LBTTQI+, periféricos e em situação de vulnerabilidade social. Lá, além de abordarem-se temas como sexualidade e identidade de gênero, permite-se que os alunos se expressem sem medo de rótulos ou julgamentos.

Projetos como esses existem e resistem em vários lugares diferentes, e merecem o devido reconhecimento e apoio. A comunidade trans ainda sofre com a marginalização social e luta diariamente para ser reconhecida. As palavras de Rafaela se tornam de muitas e muitos outros: “Infelizmente a sociedade não precisa ser nossa amiga, mas respeito ela vai ter que dar”.

Doações para a Casa Nem podem ser realizadas através do número (21) 96829-0296.

Sexo Biológico: Combinação dos cromossomos com a sua genitália (ex: macho, intersexual, fêmea).

Orientação sexual: Inclinação da pessoa no sentido afetivo, amoroso e sexual (ex: heterossexual, bissexual, homossexual, assexual).

Identidade de gênero: Maneira como você se enxerga, o gênero que se identifica como fazendo parte (ex: homem, mulher, ambos, nenhum).

Expressão de gênero: Como cada indivíduo se expressa no mundo.

Pelos Direitos Humanos

A fotografia de J. R. Ripper
como ato de resistência

Carolina Souto, Lucas Antonio e Raphaela Barreto

“O mundo carece de amor, de ações com mais honestidade e de direitos iguais a todos, pois estes direitos começaram a ser diminuídos”, lamenta o fotodocumentarista João Roberto Ripper, de 66 anos. Com uma sensibilidade aflorada, dedicou os seus quase 50 anos de carreira à luta contra a desigualdade social, denunciando o trabalho escravo e documentando as populações tradicionais brasileiras. No combate à história única, busca dar voz a quem não é ouvido através da campanha do financiamento coletivo “Bem querer o Brasil”. Quinze anos de fotografia digital e cerca de 20 terabytes serão doados para a Biblioteca Nacional e para organizações de direitos humanos e esta é só a primeira parte de um plano ainda maior: a doação completa do seu acervo com mais de 140 mil fotogramas em filme.



J. R. Ripper guarda em casa lembranças das populações que registrou. Foto: Lucas Antonio

O que é a história única?

É reduzir a história da população, principalmente da menos favorecida, a violência: como pessoas potencialmente criminosas e preguiçosas. Isto é feito com os moradores de rua, de favela, de periferia, os índios, os quilombolas, os vazanteiros, os geraizeiros e os colhedores de flores sempre-vivas. Quando você condena segmentos da sociedade por uma história única, você quebra a dignidade de quem está naqueles espaços. E aí, quando eles gritarem, pedirem por socorro, reivindicarem mudanças, não vão ser ouvidos pelos outros que sempre os tiveram como pessoas más.

Quais são os maiores desafios de se trabalhar na luta pelos direitos humanos?

Chegou a um ponto de agressividade e de ódio tão grande que defender os direitos humanos faz você ser agredido verbal ou fisicamente. Trabalhar pelos direitos humanos, em todas as suas facetas, é um investimento na qualidade de vida de um país e de um povo. E os direitos das populações tradicionais que não foram reconhecidas? Foram colocadas para fora e não podem mais exercer suas profissões. É extremamente triste - como quem documentou tanta luta, tanto avanço - de ver esse processo. Mas eu tenho a maior fé nessas pessoas porque as nossas populações, principalmente as mais pobres, têm uma deliciosa teimosia de ser feliz. Elas vão insistir e resistir.

Como se dá o exercício do olhar para o outro?

Na verdade, você vai aprendendo. Eu acho que a maior transformação para mim foi quando substituí a pena pela solidariedade. Solidariedade se leva a campo para fazer coisas, é realmente estar disposto a viver e acreditar, de igual para igual, nas pessoas, respeitando as diferenças que existem nos vários contornos da nossa sociedade. Quando se aprende a olhar como igual, aprende a aprender com eles. E na minha vida, o que

mais aprendi para incorporar valores foi com as pessoas que documentei. A gente sabe que vai lá e, independente da realidade dura, encontra uma força e uma alegria muito grande. Muitas vezes a gente tem dificuldade de superar um momento, mas eles enfrentam coisas muito piores e, logo depois, estão festejando a vida.

Qual é a principal motivação da campanha “Bem querer o Brasil”?

Poder entregar para os agentes das histórias, das organizações que os defendem, a própria história para eles contarem o que não é contado. Isso também serve para incentivar outros e novos fotógrafos a pensar que os espaços públicos devem deter a nossa história para ser consultada por qualquer pessoa e não só a história única dos jornais. A documentação deles é importante, mas a documentação das periferias, da população aliada de direitos, é fundamental para poder contar a história do Brasil.

Como você resume a sua carreira até aqui?

O que mais resumiu a minha profissão foi ter aprendido tanto com as populações brasileiras, o que me dá vontade de recomeçar. Hoje, tenho uma vontade ainda mais forte do que quando comecei. Sinto que as provações físicas vão ser superadas e eu vou voltar a fotografar. É muito bom porque é aprender histórias, estar com gente que não sente ódio, gente extremamente boa. É estar com pessoas que têm uma beleza, uma sensualidade, um amor enorme e que conseguem fazer das suas resistências suas vidas.

*Colhedor de flores sempre-vivas.
Acervo J. R. Ripper*



